

# O legado de Bion: um novo paradigma para pensar a psicanálise

João Carlos Braga,<sup>1</sup> Curitiba

**Resumo:** Este artigo discute as mudanças trazidas à nossa forma de pensar a Psicanálise pelas contribuições de Bion em e após “Transformações”. Tanto suas teorizações como desenvolvimentos ainda são difíceis de serem avaliados em seu pleno alcance, mas certamente são tão profundos que podem ser olhados como o surgimento de um novo paradigma, no sentido utilizado por Kuhn para examinar as revoluções científicas. Sem buscar argumentos epistemológicos, campo de conhecimento fora de seu alcance, o autor desenvolve ideias a este respeito, partindo da conjunção de sua experiência clínica com o estudo destas propostas de Bion.

**Palavras-chave:** Bion, transformações, teorias psicanalíticas, ser ou tornar-se a realidade

Há, nos parece  
Em suma, apenas um limitado valor  
No conhecimento que deriva da experiência.  
O conhecimento impõe um modelo, e falsifica,  
Porque o modelo é vário para cada instante...  
(Eliot, 1943/1981, p. 209)

Princípios gerais são bastante úteis, mas na vida real é sempre o caso particular. ... Portanto, o que quer que seja que você esteja fazendo, quando você está lidando com pessoas você está lidando com uma pessoa em particular – que, sem dúvida, se assemelha a todas as outras pessoas, mas é também diferente.  
(Bion, 1978a, p. 8)

A contribuição de Bion para a psicanálise é mais do que um corpo organizado de teorias psicanalíticas e de teorias da observação psicanalítica. Além de ter produzido uma teoria sobre o funcionamento da personalidade, uma teoria sobre o desenvolvimento da personalidade e uma teoria sobre o trabalho clínico, Bion trouxe as contribuições de Freud e de Melanie Klein para um

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP e do Grupo Psicanalítico de Curitiba, GPC.

registro compatível com a visão científica do século XX. Nesse sentido, pode ser vista como um novo paradigma para o pensamento psicanalítico, na intenção com que Thomas Kuhn (1962/2006) usou este termo em epistemologia ou na forma com que Suzanne Langer (1942/1971) usou ideia semelhante em *Filosofia em nova chave*. Para ilustrar a mudança que a visão da psicanálise de Bion nos proporciona, vou centrar-me em um ponto apenas: a substituição, na clínica, do privilegiar as teorias psicanalíticas consagradas como uma bússola a se recorrer na sessão analítica (a posição clássica), pela identificação da experiência emocional disponível na situação analítica. Mas, antes de desenvolver este propósito, acho útil deter-me, por um momento, no reconhecimento do enraizamento do pensamento de Bion em Freud e Klein.

### A fundamentação psicanalítica do pensamento de Bion

Não há questionamentos sobre a fidelidade de Bion ao método e ao pensamento psicanalítico. A estranheza que suas contribuições provocam refere-se aos desenvolvimentos teóricos e clínicos que trouxe, partindo das descobertas de Freud e de Klein: Bion tem um olhar próprio, um outro vértice para pensar os fenômenos psíquicos descritos por esses autores seminais, além de ter feito acréscimos originais à compreensão psicanalítica da mente. Para situarmo-nos nessas mudanças, vamos partir de uma inequívoca manifestação de Freud: o nome “psicanálise” pode ser usado “para qualquer terapia que reconheça a importância da resistência ao inconsciente, da transferência e das raízes genéticas da neurose na infância” (Freud, 1914/1974a). Como Freud não incluiu em sua afirmação que esses fenômenos teriam de necessariamente ser pensados por meio das teorias que ele formulara, entendemos duas coisas: 1) Freud tinha clareza da distinção entre as experiências vividas na sessão *analítica e as teorias criadas* para descrevê-las ou explicá-las. Ou seja, a distinção entre o que é essencial e o que é a transformação do essencial; e 2) que o selo da condição psicanalítica é dado pela conjunção de uma teoria do funcionamento mental baseada no reconhecimento da *resistência ao inconsciente*, de uma teoria da relação analítica baseada na *transferência* e de uma teoria do desenvolvimento mental baseada em Édipo.

Podemos rastrear, no conjunto da obra de Bion, a presença dessas três raízes seminais:

1. Quanto à resistência ao contato com o inconsciente, Bion não só toma esta compreensão como seu ponto de partida, como também faz contribuições originais ao entendimento das dificuldades da mente em integrar aspectos rejeitados ou incompatíveis de si mesma. Ficam dúvidas de que Bion está operando com a ideia de resistência quando destaca a gama de elementos que podemos abrigar nas colunas 2 da Grade? Todas as suas recomendações sobre o estado

da mente do analista, que favorecem o alcançar contato com o não simbolizado, não são indicações úteis para o contato com o que é inconsciente? Sua conjectura, ao final da vida, sobre a cesura e a discriminação entre estados de mente consciente/inconsciente e inacessível, não traz esclarecimentos sobre formas diferentes de vivermos o inconsciente? Quando nos elucida sobre seu pensamento não estar contemplando a polarização consciente/inconsciente, mas sim a de finito/infinito, não está ele nos apontando o fato de que, em dimensões fundantes da mente, o movimento útil é em direção a um inconsciente infinito e não apenas a um inconsciente capaz de vir a ser consciente (->finito)?

2. Sabemos como Freud explorou a mente tendo a transferência como instrumento. Melanie Klein deu continuidade a esses esforços, tanto utilizando o instrumental freudiano quanto o ampliando por meio da teoria da identificação projetiva. Bion também se valeu da transferência e da identificação projetiva, assim como criou outros instrumentos para explorar a relação analítica – como sua teoria do pensar –, e também as teorias da observação: a grade e a teoria das transformações. Nesta última, para organizar as experiências da sessão analítica Bion integra as teorias da transferência (transformações em movimento rígido) e da identificação projetiva (transformações projetivas) ao lado de outras formas de transformações que ele descreve, ao discriminar (a) pensamento, (b) alucinação, (c) operações opostas ao conhecer e (d) as transformações em ser ou tornar-se a realidade (diferenciando, assim, os movimentos para *conhecer* e *ser* daqueles próprios à gênese do pensar). Temos aí uma teoria do funcionamento mental, mais sofisticada e bem mais abrangente que as do funcionamento neurótico e psicótico.

3. A teoria do conhecimento de Bion (1962/1966, 1963/2004a, 1965/2004b) é uma teoria do desenvolvimento mental. Podemos mesmo afirmar tratar-se da mais sofisticada teoria sobre o conhecer já surgida no campo psicanalítico. E também percebê-la como uma teoria sobre fenômenos mentais ainda anteriores aos edípicos como descritos por Freud e Klein; é igualmente fácil perceber que no conceito de vínculos de amor, de ódio e de conhecimento (Bion, 1962/1966) estão contemplados os três vínculos presentes na proposta freudiana do Complexo de Édipo. De forma convergente, Bion também trouxe contribuições originais à nossa compreensão do mito edípico e do Complexo de Édipo, como os conceitos de situação edípica e de pré-concepção edípica.

## Teorias psicanalíticas: entre a precisão das geometrias e a precariedade dos diários de viagem

Vamos considerar que até aqui estivemos examinando a ideia de que não há quebra, na obra de Bion, da fidelidade aos parâmetros que Freud propôs para a psicanálise, embora os tenha formulado em teorizações diferentes. Mas

as diferenças não estão só nas teorias. Com Bion, há algo de novo no campo analítico que modifica a nossa forma de pensar a prática psicanalítica. Há uma inflexão metodológica e epistemológica centrando o trabalho analítico na elaboração da experiência emocional compartilhada na sessão e assim modificando o estatuto dado às teorias em nossa prática clínica. Uma vez aceita esta inflexão, o analista não mais toma as teorias psicanalíticas como geometrias (o modelo do pensamento científico), deixando de buscar ser um mestre do conhecimento e passando a ser um explorador renitente em suas próprias experiências clínicas, auxiliado pelos “diários de viagem” (comunicações) de exploradores (analistas) anteriores bem-sucedidos. Nesta última visão, teorias deixam de ser tomadas como moldes para a experiência proteiforme e singular de cada momento e passam a ter o valor de tecidos transplantados e assimilados no analista.

É inevitável nossa necessidade de teorias para auxiliar-nos a pensar na realidade. O que é evitável é que tomemos essas teorias como verdades – e não como modelos que nos ajudam a dar forma ao nosso experimentar a realidade. Não é, pois, problema da psicanálise essa confusão reducionista, mas sim um problema de desenvolvimento dos psicanalistas.

O apoio que Bion buscou na geometria para criar modelos de suas teorizações sobre a vida mental é exemplo marcante de nossa necessidade de teorias (modelos para pensar). Neste sentido, podemos tomar *Transformações* (1965/2004b) como seu texto mais marcante. E seus capítulos iniciais como a tentativa de contrastar duas visões da mente: a primeira, que acontece em uma dimensão finita, simbólica (como a geometria euclidiana) e que pode ser formulada como transformações em movimentos rígidos, que têm na teoria da transferência o seu paradigma, ou seja, aquilo que é infinito (inconsciente) pode ser apreendido (contido, reduzido) na relação analítica. A segunda visão, incômoda, de estarmos às voltas com dimensões que podem ser aproximadas, mesmo enquanto infinitas e desconhecidas, tem seu modelo na teoria da identificação projetiva. A geometria projetiva, com a noção de um ponto infinito em que as paralelas vão se encontrar, oferece o apoio respeitável das matemáticas para as transformações projetivas.<sup>2</sup> Deste último domínio (desconhecido e infinito) é que vão ser desdobradas as transformações em alucinação e em tornar-se a realidade (“O”).

Se aceitarmos que só vamos reconhecer aquilo que conhecemos (Money-Kyrle, 1968/1996), torna-se óbvia a necessidade de sermos sustentados pelas teorias (metáforas bem-sucedidas) criadas para organizar nossa percepção dos fenômenos com que entramos em contato. Mesmo a posição de que uma psicanálise é um processo de investigação – e, assim, se baseia em observações

2 “Transformações em movimento rígido” e “transformações projetivas” são denominações próprias à geometria projetiva. Descrevem transformações de um corpo em condições em que se preservam (movimento rígido) ou não (transformações projetivas) os ângulos e relações espaciais. Assim, nas transformações em movimento rígido vamos encontrar as formas preservadas; nas transformações projetivas, estaremos diante de distorções, maiores ou menores.

daquilo que se apresenta na situação analítica – implica que as observações a serem feitas vão depender das teorias (modelos) que sustentam o conhecimento de quem investiga. Complementa essa visão a possibilidade de aceitarmos que, mesmo dependentes do conhecimento, podemos manter “frestas” para sermos alcançados pelo não conhecido, por pensamentos ainda não nascidos para aquela mente, ou de que é possível termos acesso direto à realidade, sem dependermos da intermediação do Conhecer. Ou seja, ambas estas possibilidades nos apontam a ideia de que a teoria a nos sustentar é o fulcro da vida mental e está no que ainda não nasceu, existindo de forma pré-concebida na mente do indivíduo.

Vamos tomar essa questão como seminal no pensamento de Bion: para expandirmos nossa capacidade de contato com a realidade, usamos nossa capacidade de criar teorias (modelos, metáforas) que nos permitam ir além do aprendido com a experiência. A clínica proporciona-nos evidências de estarmos em uma tarefa impossível e interminável; impossível, tanto por inesgotável em suas possibilidades, quanto pela nossa precariedade em nos aproximar do fenômeno mental. Anos e anos de trabalho intenso com um indivíduo nos mostram que temos sempre o mesmo ponto de partida – a sessão singular daquele dia de trabalho.

Mas, uma vez experientes,<sup>3</sup> retornamos ao campo do verbal para nos comunicarmos, internamente ou com o outro. Como analistas, estamos limitados à comunicação verbal, assim como o pintor está limitado à sua tela. O êxito que o analista venha a ter será semelhante ao êxito do pintor: dependerá tanto de sua habilidade em criar uma imagem que encerre a experiência emocional que experimenta, quanto de um analisando que tenha a condição de captá-la e que tolere elaborá-la.

## O analista e as teorias psicanalíticas

A relação analista-teorias psicanalíticas é epistemológica e historicamente complexa. Vou desenvolvê-la à luz da evolução das ideias de Bion sobre o estatuto das teorias psicanalíticas na prática clínica.

De início, um viés significativo: a assimetria no par teoria-clínica. Se começamos aprendendo a usar as teorias para sustentar a clínica, Bion nos propõe que passemos a usar as observações da situação analítica que nossa intuição psicanaliticamente treinada nos fornece para sustentarmos a clínica. A estranheza inicial das diferenças entre essas duas posições pode ser afastada se percebermos o absurdo que seria usarmos a clínica para sustentar teorias ou negarmos a constatação de que só conhecemos o que reconhecemos; ou

3 A raiz etimológica de “experiente” é *ex-perire*, aquele que esteve exposto ao perigo e sobreviveu a ele, retornando à sua condição anterior agora de posse de um novo conhecimento.

seja, necessitamos de pré-concepções para poder conhecer (Bion, 1962/1966; Money-Kyrle, 1968/1996). Assim, o fulcro da relação analista-teorias psicanalíticas vai depender do viés com que ambos os polos são percebidos.

Até aqui, estamos em terreno razoavelmente confortável, o que logo deixa de acontecer ao buscarmos um primeiro esclarecimento: mas que teorias sustentam a nossa clínica? As teorias que formam o arcabouço da psicanálise enquanto sistema científico? As teorias que cada analista faz, no calor da sessão analítica, reveladoras da necessidade humana de criar referenciais para pensar as experiências do contato com a realidade? As contribuições recentes de Cecil J. Rezze (2009a; 2009b) iluminam a distinção entre estes dois níveis de abstrações e auxiliam significativamente a quem se interessar em aprofundar esse ponto.

Ao fazermos a distinção acima, ganhou importância um segundo esclarecimento: o exame da assimilação, na mente do analista, do sistema teórico psicanalítico que adota. Em que grau, naquele momento de desenvolvimento em que o analista se encontra, ele conseguiu conquistar e *tornar seu o que herdou de seus pais*?<sup>4</sup> Ou seja, está o analista operando com ideias próprias ou de outros analistas que reverencia?

Um terceiro esclarecimento: desde 1965, Bion nos propõe a importância psicanalítica da dimensão do tornar-se um com a realidade (->infinito), para além da dimensão do aprender com a experiência (->finito). Alcançado esse ponto, o analista sustenta suas próprias pré-concepções,<sup>5</sup> não mais importando quais teorias psicanalíticas privilegiou. Então, já não serão as teorias consolidadas que sustentam a clínica, mas sim a condição do analista de ser a pessoa que é, agora acrescido o vértice analítico, na investigação da realidade psíquica.

Um diálogo ilustrativo,<sup>6</sup> em outra das supervisões de Bion (1978b), acontecida em São Paulo, ajuda a olhar os esclarecimentos acima:

*Pergunta – O senhor considera algo que escreveu até agora, ou fez, como uma contribuição original para a Psicanálise?*

*Bion – Eu não sei de nenhuma. Nenhuma.*

*P – Nem a sua... que parece-me, pelo menos, o mais original de seus livros, a Teoria das Transformações, o senhor não o considera uma contribuição original que tem?*

*B – De forma nenhuma!*

*P – Não?*

4 Freud, citando Goethe: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (1913/1974a, p. 188).

5 Lembrar a distinção feita por Bion entre *pré-concepções* (um estágio genético no desenvolvimento cognitivo, linha D da Grade) e *préconcepções* (estado emocional do analista ao usar as teorias analíticas; fator do vínculo K). Ver Bion, *Elementos de psicanálise*, cap. 16, e P. C. Sandler, *The Language of Bion – a Dictionary of Concepts*.

6 Quero assinalar meus agradecimentos e minha dívida para com o dr. José Américo Junqueira de Mattos, que me ofereceu a oportunidade de contato com esse material.

*B – Não! De fato, eu já disse repetidas vezes, se você ler esse livro, você apenas irá entendê-lo quando perceber que está perfeitamente familiarizado com a experiência.*

E como nos tornamos perfeitamente familiarizados com a experiência, para estarmos harmônicos com a teoria? Não será mais pelo exercício do aprender com a experiência. Estaremos em uma aproximação alternativa ao Conhecer, vindos ao campo infinito de conexões que podemos chamar de Ser. Neste movimento, já não dependemos de teorias aceitas ou de pré-concepções. As formulações de Bion a esse respeito são bem conhecidas e não adentrarei nelas ou no exame epistemológico do problema. Vou preferir a vertente clínica, desenvolvida na última parte deste trabalho; mas antes quero destacar mais detalhadamente essa mudança epistemológica.

Na história da matemática, é apontada como decisiva para o surgimento de novas geometrias, a mudança no quinto postulado de Euclides: “Por um ponto fora de uma reta passa uma única reta paralela a ela”. Ora, se ponto e reta são entidades virtuais, desprovidas de materialidade, pode passar um número infinito de retas – e não uma só, aquela que ocuparia aquele espaço naquele momento determinado de tempo, caso tivesse materialidade. Ou seja, com esse modelo adentramos outra dimensão no contato com o mental: é rompida a ditadura da sensorialidade de espaço e tempo sobre o pensar. As noções de causalidade, tempo e espaço, tão úteis no domínio do sensorial, e só são úteis neste mesmo domínio.

Tomemos esse episódio histórico como analogia para o que buscamos examinar no campo analítico. Se abandonarmos as noções de causalidade, tempo e espaço (como Freud já propunha para o reino do inconsciente), passamos a conviver com a incômoda constatação de nos encontrarmos na dimensão do infinito. O vértice do analista muda de olhar o inconsciente pela sua redução às características do consciente, para olhar o inconsciente por suas próprias características e, em um segundo momento, formular esta experiência dentro dos parâmetros do pensamento consciente. Em termos amplos, a mesma estranheza que sentimos ao perceber um autor tratando a contribuição de Bion como um apêndice às contribuições de Freud e Klein. Ao contrário, nossa cultura psicanalítica<sup>7</sup> nos tem levado a olhar as contribuições de Freud e Klein pela perspectiva proposta por Bion.

Para poder manter qualquer uma dessas perspectivas, é necessário delimitar o “universo de discurso”:<sup>8</sup> só assim podemos criar algum conhecimento e proteger-nos do caos de não termos parâmetros de pensamento. Identificar

7 Referência à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que abriga, no panorama mundial da psicanálise, um significativo grupo de analistas que assim pensam, entre os quais me incluo.

8 *Transformações*, cap. IV.

parâmetros, variáveis e invariantes passa a ser fundamental, diferenciando aquilo que é individual, singular, da experiência pessoal (variáveis) e aquilo que é comum a fenômenos compartilhados pelo grupo (invariantes).

### **São as teorias que sustentam a nossa clínica?**

Temos, na ideia de que são as teorias que sustentam a nossa clínica, outro ponto de partida para o exame da relação analista-teorias analíticas.

Bion opera com a teoria psicanalítica consolidada (Freud e Klein), embora com os aprofundamentos que seu trabalho trouxe ao uso desses conceitos na clínica. Além disso, como um explorador que se beneficia com os mapas de viagens desenhados por seus predecessores, Bion vai além e desvela novas dimensões em que a vida mental apresenta-se na relação analítica. Com isto, a situação de cada analista complica-se. Temos um único vértice, mas com três diferentes formas de pensamento que se interligam e se potencializam (Freud, Klein e Bion). Qual o pensamento privilegiado pelo analista como sua base maior? Qual seleção faz para si mesmo, ao valorizar os três? É bastante fácil perceber a diferença entre autores que tratam as ideias de Bion com base no pensamento de Freud ou de Klein e, por outro lado, autores que têm o pensamento de Bion como sua base e por ele retomam Freud e Klein. As diferenças assim surgidas são significativas.

Esclarecida a plataforma de cada um, reencontramos um velho problema. Qual penetração estão tendo os pensamentos dos autores escolhidos no pensamento daquele analista específico? Está integrado em seu tecido mental, ou permanece como prótese ou transplante? Bion nos alerta para este ponto:

Ser-nos-á, enquanto analistas, muito adequado sabermos o que se queria dizer com “transferência” e “contratransferência” ao serem usados por Freud, Abraham, Melanie Klein ou qualquer outro, mas apenas se ao mesmo tempo aprendermos a esquecer tudo isso de modo a estarmos abertos para o próximo movimento feito pelo paciente, a próxima estação de parada, por assim dizer. (Bion, 1977/2016, p. 39)

O modelo, então, para a relação analista-teoria psicanalítica poderia ser o da necessidade que temos de uma família para poder-nos desenvolver como indivíduos. Se este desenvolvimento ocorre em um tempo adequado, adquirimos identidade e vida própria. Nesse caso, muda a relação do indivíduo com a família em que cresceu; as teorias, tão fundamentais em nossos inícios, foram assimiladas em nosso modo de pensar e de sermos analistas. E não mais serão as teorias a sustentar a nossa clínica, mas sim a condição pessoal do analista assumindo uma postura de constante exame e elaboração das experiências que



está vivendo. Ser analista passa a ser *a pessoa que se é*, mantendo o vértice analítico. E outro posicionamento de Freud ajuda; psicanálise é teoria, tratamento e investigação; terapia e investigação são complementares em uma psicanálise (Freud, 1914/1974a, p. 26).

### **Teorias psicanalíticas: um problema psicanalítico a ser psicanaliticamente examinado**

Duas situações clínicas ajudam a ilustrar alguns pontos das mudanças trazidas à prática clínica pela forma de Bion pensar a psicanálise, em especial, o privilegiar as experiências emocionais acontecendo na sessão analítica e a visão do analista como partícipe do campo analítico com a sua personalidade.

O analisando, habitualmente pontual, está com um atraso inusitado de mais de 10 minutos. Cria-se em mim um estado de expectativa, e surgem conjecturas. Quando ele chega, percebo-o acabrunhado. Deita-se e fica em um silêncio, que identifico como tenso, pesado. Decido aguardar. Após uns 3 ou 4 minutos, diz, escandindo bem as sentenças: “Fiquei sem carro. / Precisei deixá-lo na oficina. / Precisei de uma carona de minha mulher para vir para a sessão”. E volta a ficar em silêncio. Percebo-o conturbado, com medo, acuado. Sinto a pressão por mostrar-me presente e em contato. Digo-lhe: “Vejo que seu atraso pôs em movimento intensas emoções em você e que você acredita que o mesmo aconteceu em mim”. Descontra-se. Logo, relutantemente, passa a falar de como percebeu-se valorizando a análise, em seu atraso, tema habitualmente ausente e mesmo manifestado em seu inverso.

Avalio que fiz uma hipótese, uma “teoria fraca”, sobre o que observava no momento analítico, cuja validade pôde ser examinada por meio dos movimentos que se seguiram. Em segundo lugar, ao não introduzir interpretação de possíveis significados derivados de teorias aceitas, manteve-se o campo em aberto, capaz de acolher as transformações que o analisando pudesse fazer. Complementarmente, fica valorizada a função de expressar-se do analisando, fundamental ao conhecer-se (reconhecer-se) e no criar suas próprias transformações. Neste caso, estou privilegiando um movimento em um eixo não-ser<=>ser, para além do habitual não-conhecer<=>conhecer.

Ao preferir teorias explicativo-causais baseadas em conteúdos mentais preexistentes, estou aceitando que *o modelo é vário para cada instante* (Eliot, 1943/1981, epígrafe) e que *cada pessoa se assemelha a todas as outras pessoas, mas também é diferente* (Bion, 1978a, epígrafe). Em outras palavras, reconheço estar às voltas com a multidimensionalidade da mente e com a infinidade de transformações possíveis para cada analisando. Necessito aguardá-las. Inversamente, abro mão do vértice psicopatológico clássico. Meu movimento consiste em ficar num campo de observação aberto ao infinito, que demanda

tolerância a paradoxos, como essa variedade de escolhas. Privilegiar o conhecimento simbólico aprisiona as emoções (protomanifestações da experiência emocional) em significados: um campo finito. Por sua vez, interpretar significados dá um peso insignificante à possibilidade de o analisando estar transitando em um meio de alucinação, tratando-o como de pensamento simbólico.

Utilizando, agora, outra perspectiva: se quisesse transitar pelo campo do simbólico, necessitaria aguardar as transformações produzidas pelo analisando e identificar que o meio no qual estas foram feitas é o pensamento. O movimento para o conhecimento aprisiona, em significados, as nascentes manifestações da experiência emocional. Cria-se um campo finito. Mas, se me assumi como disponível ao tornar-me um com minha experiência, preciso tolerar sentir-me em um universo sem significados, confiante em que o que ainda não nasceu para a mente tem possibilidades de assim o fazer. O que ocorrerá, possivelmente, na dimensão do alucinatório ou dos pensamentos sem pensador; caso tenha suficiente apoio no já elaborado simbolicamente, surgirá com a qualidade de pensamento-sonho; se não o tiver, surgirá como atuações, somatizações, pensamento operativo (tela beta) ou alucinações.

O habitual é que, na clínica, na atitude de estar disponível ao Conhecer, encontre-me movimentando-me em ambos os sentidos, →finito (conhecimento) e →infinito (tornar-me uno com a realidade). Neste último caso, adentramos as preliminares de uma nova questão: o trabalho mental em andamento se encerrará no conhecendo? Alcançará a dimensão do sendo? Que intensidade tem, nessa personalidade, o que Sapienza (2010) descreve como a função mística, a paixão pela verdade?

Estar em um campo infinito pode ser mais bem ilustrado em um segundo fragmento clínico.

O início da sessão acontece em uma condição percebida pelo analista como de tensão. Diversos temas atropelam-se nas verbalizações da analisanda, eliciando estimulações que não coerem. Após duas ou três observações do analista sobre esta condição e as dificuldades que se apresentavam no contato, a sessão ganha a configuração de um rio de planície, com seus plácidos meandros. O contato emocional parece estabilizar-se. A analisanda começa a detalhar situações da vida profissional, ainda com emoção e vivacidade, mas que avalio como variações em torno de um mesmo tema. De minha parte, percebo ir perdendo a fluidez onírica e cognitiva do início da sessão. Vou-me percebendo vazio, tendendo ao entorpecimento. Após minutos nessa condição, tenho um devaneio:<sup>9</sup> *visualizo um vulto, com a mão direita sendo como que um objeto luminoso. A luz que dele emana permite-lhe deslocar-se nas trevas, identificar e ultrapassar uma porta, adentrando um quarto como que de um hospital, em que há dois leitos precários, com cobertas velhas e rotas; em cada um, uma*

9 Além de Bion e do conceito de *rêverie*, lembrar Freud em *A interpretação de sonhos* e sua referência a Silberer e às alucinações hipnagógicas.

*pessoa*. Em um instante, retorno minha atenção para a analisanda, que continuava falando. Sinto-me surpreso com todo o acontecimento. Após breve reflexão e indecisão, disse-lhe algo como: *estou tendo a impressão de que estamos avizinhandos questões difíceis e dolorosas, para as quais você não nos acha adequadamente preparados. Temos a análise como um auxílio importante, mas o que ela nos expõe não é bem-vindo*. A analisanda silencia. Logo a percebo contendo lágrimas que, no entanto, teimam em aflorar. O silêncio sustenta-se por 1 ou 2 minutos, e ela passa a falar de uma mãe fútil, interessada apenas nela mesma, que fazia vistas grossas para as infidelidades e maus-tratos do marido. Após breve dúvida se examinava essa manifestação como uma aplicação em outro contexto de conteúdo da experiência emocional presente, opto por manter o campo em aberto, assinalando agora seu uso do contato analítico para aproximar-se de elementos dolorosos, confirmando, para mim, a impressão que tivera e que lhe comunicara. Avalio que minha escolha ficou entre privilegiar o que já me era conhecido ou o que ainda não o era e que poderia vir a sê-lo. Sua resposta deu sustentação à proposta de nos mantermos em um campo insaturado. Este último clima emocional perdurou até o final da sessão.

Se admito estar em um campo infinito, tenho também de admitir que qualquer manifestação que aconteça na relação analítica merece atenção, mesmo que não perceba suas conexões com o que já me é acessível; passa a ser minha a tarefa de estabelecer correlações. Por vezes há suficiente proximidade para que estas ocorram; por vezes não. As teorias psicanalíticas sobre a mente simbólica (→finito) não são suficientes para este campo ilimitado; no entanto, necessito voltar à dimensão simbólica para expressar ao analisando minhas impressões sobre o que compartilhamos. Necessito, pois, reingressar na dimensão do Conhecer.

O movimento de ficar em um campo de observação infinito demanda tolerância a paradoxos, como a validade de múltiplas possibilidades de aproximações à experiência. De especial interesse, a identificação de que, tendo êxito em minha busca de não me apegar ao conhecido, tanto me mostro disponível ao que evolva da dimensão do conhecimento, quanto à possibilidade de situar-me em uníssono com a realidade que evolve.

Reconheço, nesse posicionamento, o afastamento do pensamento psicanalítico clássico e entendo essa posição como uma expansão como uma expansão do campo analítico original – e não sua substituição. Podemos recorrer, como modelos, ao surgimento da geometria projetiva no século XIX, ampliando ao infinito o campo de estudo dos corpos no espaço, para além dos limites tridimensionais da geometria euclidiana.<sup>10</sup> Ou então, como a mudança acontecida na pintura com a introdução da perspectiva por Giotto, no século XIII, retirando as imagens da representação bidimensional.<sup>11</sup>

10 *Encyclopaedia Britannica do Brasil*, 1981, verbete “Geometria”.

11 *História da Arte*, 1996.

Permanecendo ainda em analogias, observemos que a geometria euclidiana, tão fundamental para raciocinarmos sobre o que os nossos sentidos aprendem, é insuficiente para os domínios do infinitamente grande ou do infinitamente pequeno, o cosmos e o átomo. E podemos considerar nossa cultura sem esses desenvolvimentos? E podemos considerar a psicanálise sem esses desenvolvimentos que acabamos de apontar?

**El legado de Bion: un nuevo paradigma para pensar el psicoanálisis**

Resumen: Este artículo enfoca los cambios producidos en nuestra forma de pensar el psicoanálisis a partir de las contribuciones de Bion, en y después de su libro “Transformaciones”. Todavía es difícil evaluar el pleno alcance de sus teorizaciones y desarrollos, pero ciertamente son tan profundos que pueden ser vistos como el surgimiento de un nuevo paradigma, en el sentido utilizado por Kuhn para examinar las revoluciones científicas. Sin buscar argumentos epistemológicos, campo del conocimiento que está fuera de su alcance, el autor desarrolla ideas, en relación a este tema, partiendo de la conjunción de su experiencia clínica con el estudio de estas propuestas de Bion.

Palabras clave: Bion, Transformaciones, teorías psicoanalíticas, ser o tornarse realidad

**Bion’s legacy: a new paradigm of thinking about Psychoanalysis**

Abstract: This paper discusses how Bion’s contributions in “Transformations” have changed our way of thinking about Psychoanalysis. It is still hard to evaluate the full scope of both Bion’s theorizations and developments. However, they certainly are so deep that may be considered the rise of a new paradigm. “Paradigm” is used herein in the same sense that it was used by Kuhn to examine scientific revolutions. The author develops his ideas from the conjunction of both his clinical experience and the study of Bion’s proposals.

Keywords: Bion, psychoanalytic theories, being or becoming the reality

**Le legs de Bion: un nouveau paradigme pour penser la psychanalyse**

Résumé: Cet article discute les changements apportés à notre façon de penser la psychanalyse suivant les contributions de Bion, dans et après “Transformations”. Ses théorisations aussi bien que ses développements sont encore difficiles d’être évalués dans toute sa portée, mais ils sont certainement tellement profonds qui peuvent être vus comme la naissance d’un nouveau paradigme, dans le sens employé par Kuhn pour examiner les révolutions scientifiques. Sans rechercher des arguments épistémologiques, un domaine de connaissances hors de sa portée, l’auteur développe des idées à ce sujet, tout en s’appuyant sur la conjugaison de son expérience clinique avec l’étude des propositions de Bion.

Mots-clés: Bion, transformations, théories psychanalytiques, être ou devenir réalité

## Referências

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. (J. Salomão e P. D. Corrêa, trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1978a). Supervisão A47, realizada na SBPSP, transcrita e traduzida por José Américo Junqueira de Mattos.
- Bion, W. R. (1978b). *Supervisão D14*, realizada na SBPSP, transcrita e traduzida por José Américo Junqueira de Mattos.
- Bion, W. R. (1987). Supervisão com Dr. Bion. *Ide*, 14, 2-5. (Trabalho original publicado em 1978)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, trad.; E. H. Sandler e P. C. Sandler, revs.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações – do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2016). *Seminários italianos* (F. Bion, ed.; A. Growald, trad.). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Eliot, T. S. (1981). East Coker. In T. S. Eliot, *Poesia* (I. Junqueira, trad., 4ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1943)
- Encyclopaedia Britannica do Brasil* (1981). São Paulo: Melhoramentos.
- Freud, S. (1974a). História do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13-84). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1974b). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- História da arte. A partir do acervo do Masp* (1996). São Paulo: Camargo Soares.
- Kuhn, T. (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Langer, S. (1971). *Filosofia em nova chave*. (M. Baumstein., trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1942)
- Money-Kyrle, R. (1996). Desenvolvimento cognitivo. In D. Meltzer (Ed.), *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle* (E. Sandler e P. C. Sandler, trads.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1968)
- Rezze, C. J. (2009a). *O dia a dia de um psicanalista. Teorias fracas. Teorias fortes*. Apresentado em Reunião Científica da SBPSP, dezembro.
- Rezze, C. J. (2009b). *Teorias fracas e o cotidiano de um psicanalista*. Apresentado na II Jornada Psicanálise: Bion – da prática às teorias possíveis. SBPSP, abril.
- Sandler, P. C. (2005). *The Language of Bion – A Dictionary of Concepts*. London: Karnac.
- Sapienza, A. (2010). Destinos do místico e de suas obras. *Berggasse 19*, 1(1).

João Carlos Braga  
bragajc43@gmail.com

Recebido em: 27/3/2017  
Aceito em: 3/4/2017